

BABEL DE MUROS, BABEL DE PONTES

Philippe de Avellar D. P.

avellarph@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/7640942482929275>

RESUMO

São apenas nove versículos bíblicos que fundam a parte documental do mito de Babel, possivelmente nascido do desejo passado (e imorredouro) de explicar a multiplicidade humana, especialmente enquanto produtora e produto de atrito, ou “desentendimento”. Constantemente atualizado, o mito babélico revive na Arte, bem como na Sociologia, Antropologia, Psicologia, Geografia, História — para citar apenas alguns — trazendo em si o desafio da alteridade, da incompreensão, do pertencimento e/ou sua ausência. Naturalmente, tratando-se de um dilema fundamentalmente linguístico, é a Literatura quem mais abraçará este desafio, enquanto tema, enquanto forma, enquanto tradução. Este trabalho explora a imagem da torre eternamente inacabada em duas obras principais: *Tambour-Babel*, de Ernest Pépin, e *Babel prise deux* (ou *Nous avons tous découvert l'Amérique*) de Francine Noël; mas a torre habita muito mais do que ambos os títulos, perpassando todas as páginas dos respectivos romances, bem como dos grupos neles representados, em suas híbridas e complexas experiências quotidianas.

Palavras-chave: Babel; Identidade; Literaturas francófonas; Literaturas pós-coloniais; plurilinguismo ; multilinguismo

Introdução:

Babel impregna o imaginário cultural, social, linguístico; sua infinitude de andares e passagens, em seu desejo irrealizável de atingir o céu a partir do chão, acaba por refletir o mesmo número infinito de singularidades que a humanidade se torna ao final do mito, cada indivíduo falando um idioma diferente. A grande tragédia de Babel, porém, é seu abandono: a falta de entendimento leva à impossibilidade de concluir a obra, mas também à interrupção do *desejo* de fazê-lo.

E se tal projeto *não puder ser* abandonado? Esta é a situação de quase todos os países no mundo contemporâneo: diversos idiomas, culturas, visões políticas e religiosas, entre tantas incontáveis diferenças, que não apenas precisam conviver como, não raro, constroem algo juntas — sem escapatória imediata. Essa pluralidade pode ser

representada de muitas formas, e a literatura vem a ser considerada um campo privilegiado nesta representação, por trabalhar, justamente, com a *palavra*. As obras que serão analisadas aqui não apenas elegeram Babel como um tema a ser atualizado (a ponto de ilustrá-la no título), como sua própria confecção, ou escrita, é uma criação babélica em si mesma.

As literaturas ditas “francófonas” ou “literaturas de expressão francesa” (denominações que permanecem alvo de muito questionamento) são criações realizadas no idioma francês, mas produzidas fora do espaço geográfico da França (continental ou territorial ultramarino); são, portanto, obras de países que já foram colônias francesas, ou cujos territórios, ao menos parcialmente, já estiveram sob domínio francês ou dele imigraram. As culturas francófonas são, assim, fragmentadas, com origens múltiplas, não raro misturando dois, três ou até mais continentes, como no caso das ex-colônias Americanas. Esta é a origem de Ernest Pépin, autor de *Tambour-Babel*, da Guadalupe; e da autora de *Babel prise deux*, a canadense (e quebequense) Francine Noël. Estes romances abrigam questões de pertencimento, migração, deslocamento, pós-colonialidade, silenciamento, contato e desencontro, e seus personagens vivem suas próprias versões do mito bíblico, em processos totalmente únicos e peculiares. A multiplicidade linguística habita os textos, uma vez que o francês abre espaço para o *créole* antilhano da Guadalupe, do inglês canadense, além de manifestações pontuais de outros idiomas (sobretudo na obra de Noël) e da música, alçada à posição de idioma (em Pépin).

A língua e sua expressão (sotaque, dialeto, vocabulário) é uma ferramenta humana indispensável em seu existir no mundo. Pode ser arma de dominação ou de resistência, afirmação ou negação, imposição de limites ou de alguma permeabilidade. Grupos que convivem em núcleos portadores de mais de um idioma estão em constante processo de “tradução” de sua própria experiência de vida; seus diferentes contatos humanos requerem idiomas diferentes, criando espaços híbridos, fluidos ou mutantes, de predominância de um idioma ou de outro, dentro e fora de sua própria noção de identidade.

Tambour-Babel

Na narrativa de Pépin, o imaginário de Babel configurou-se como uma experiência simbólica sem localização geográfica tão clara; uma experiência humana, singular ou grupal, em certa medida atemporal, ligada à dificuldade da comunicação inviabilizada por uso de “línguas” diferentes, um estranhamento, confronto ou isolamento gerado pela falta de entendimento mútuo, que pode levar a um afastamento ou a uma aproximação mais árdua.

Dentro deste viés, *Tambour-Babel* apresenta-se como uma obra de grande potencial. Primeiro, analisemos a forma: a obra é escrita em língua predominantemente francesa, com alguns momentos de *créole*, falar típico da Guadalupe, sendo no país a língua mais usada na comunicação oral; o francês, obrigatório nas escolas, ainda é uma língua associada ao letramento, erudição e poder político, cultural e econômico. Uma vez que a narrativa tem seu lugar na Guadalupe (potencialmente contemporânea), o *créole* deveria ser a língua usada pelos personagens a cada diálogo travado, mas com frequência não o é. O primeiro impasse se dá na própria natureza desta língua, nascida da (e para a) expressão unicamente oral, não tendo senão registros “sonoros”, de sistematização muitíssimo recente, fazendo as vezes de língua escrita. Esta fragmentação linguística, do convívio da língua oficial (o francês, língua do centro administrativo de Guadalupe, que é um departamento ultramarino da República Francesa) com o *créole*, (língua do povo representado no livro e dos conterrâneos do autor) já é um primeiro espelho de Babel.

Esta composição híbrida da obra, por vezes apresentando traduções internas para leitores não familiarizados com uma ou outra língua, é muito frequente nas “literaturas francófonas”. Quase sempre, em casos semelhantes, é a língua *nativa* aquela a se ver traduzida, posto que leitores de francês sejam mais numerosos, e muitos livros lançados em países francófonos precisam visar especialmente o mercado francês europeu: maior poder aquisitivo, mais alto índice de alfabetização, maior número de editoras.

O próprio *créole* é um veículo de Babel: nome genérico dado a línguas variadas, nascidas da mescla de línguas nativas anteriores à colonização, a dos próprios invasores europeus e ainda a de escravos trazidos à força, por vezes acrescida de termos de imigrantes mais tardios, finalmente tornada a língua materna de novas gerações da

população já miscigenada. Cada departamento ultramarino francês e cada ex-colônia tem seu próprio *créole*, distinto e não intercambiável, mesmo que com vários elementos em comum, aí inclusas as influências do francês.

Atrelada a esta língua mista, nascida do confronto, está toda uma cultura igualmente múltipla, uma identidade mutante. Mesmo que este conflito identitário não faça parte dos temas centrais da obra de Pépin, um leitor atento e informado será capaz de notar traços culturais que podem ser aproximados daqueles das várias regiões do globo que compõem esta complicada história — como os elementos africanos de aparência iorubá ou as referências católicas trazidas com os europeus.

Quanto à temática, *Tambour-Babel* nos dá pistas de leitura desde o seu título. Mesmo que escrita em duas línguas, a linguagem que melhor representa o entendimento mútuo dos personagens centrais é a música, sobretudo aquela produzida pelo tambor. A família que protagoniza o romance é composta em torno da figura do *tanbouyé*, elemento central que reúne as vidas sagradas e profanas dos grupos humanos representados. E é justamente através da música que a mitologia da torre é tão bem representada ao longo do romance.

A “língua universal” ou adâmica que permitia a comunicação de todos os habitantes da cidade onde se erguia Babel (e que, em alguma medida, representam toda a humanidade) antes da intervenção divina é muito semelhante ao toque do tambor no romance. Assim como a língua perfeita original, os tambores seriam capazes de exprimir todo e qualquer tipo de sutileza, veicular qualquer mensagem e ser compreendidos por todos os envolvidos. Esta harmonia é orquestrada especialmente por Éloi, o primeiro protagonista, o mestre *tanbouyé*, reverenciado por sua habilidade, por seu dom, por sua comunhão com o tambor.

Justamente por esta identificação tão intensa — a ponto de o personagem mal participar de qualquer forma de diálogo ou contato humano que não envolva a música e seu instrumento — a ruptura com esta língua anterior absoluta é dramática e chocante, bem como a confusão consequente. Assim como aqueles que construíam a torre, Éloi vê-se incapaz de se comunicar com seu próprio tambor, sua língua primeira, sua única forma confiável de comungar com o entorno. Para os espectadores, sua perda de habilidade

parece fruto de sua idade avançada; para ele, talvez uma forma de punição. Paira a suspeita de uma intervenção sobrenatural. O silêncio absoluto do personagem se segue.

Napoléon é o filho de Éloi, nascido sob o “signo de Babel”: não tendo herdado do pai o “dom” para o tambor, não consegue compartilhar de tudo o que este veicula junto à sua comunidade — a falta de habilidade nega-lhe este acesso, e sua posição como filho do mestre *tanbouyé* anula qualquer outra forma de contato; tocar o tambor seria sua única opção. Incapaz de partilhar da música de seu povo e de sua cultura, e privado do respeito do pai, a quem essa musicalidade está inextricavelmente ligada, o jovem refugia-se na produção musical do mundo inteiro. As canções estrangeiras são seu alento, toda uma riqueza que o encanta, mesmo não podendo restituir sua falta de *pertencimento* ao local de nascença e convivência.

Para “desamarrar suas mãos”, Napoléon precisa passar por todo um processo iniciático, orientado por um guia que habita o interior das matas; o ponto-chave de seu aprendizado passa por saber nomear as coisas, os seres vivos nativos de sua terra-natal, em *créole*. Está aí outra referência bíblica, uma vez que a língua anterior à intervenção divina sobre a torre mítica, também chamada “língua adâmica”, era aquela capaz de nomear todas as coisas e descrevê-las perfeitamente, sem margem de dúvida. Ao nomear os seres, Adão também “apropria-se” das demais criações divinas, reconhecendo-as e tornando cognoscíveis suas próprias existências. Na falta da música, a língua nativa torna-se o instrumento para o protagonista mais jovem se “reapropriar” de sua terra-natal, recriando um enraizamento que não lhe chegou tão naturalmente.

Tambour-Babel propõe um novo estágio para o mito da torre ao sugerir uma reintegração da multiplicidade — novamente espelhada na música. Napoléon, em dado momento da narrativa, finalmente “desperta” seu dom como *tanbouyé* ao ser capaz de integrar toda a sua bagagem e repertório de influências estilísticas em sua própria forma de tocar, um arcabouço bem mais vasto e diversificado do que o de sua comunidade, que pode ser lido como mais profundo, porém restrito. A música de Napoléon pode ser descrita como possuidora de uma grandeza “horizontal”, em oposição à “vertical” em que não conseguia se encaixar.

Esta integração conseguiu formar uma harmonia, sem negar suas origens excêntricas, mas igualmente compreensível e acessível aos demais. O jovem músico foi bem-vindo ao grupo, restituído em sua posição de respeito, resgatando mesmo a honra do pai, sua gratidão e arrependimento. Para além do estranhamento inicial, houve encantamento e entendimento suficientes para fazer nascer e nutrir uma relação saudável no grupo. A nova linguagem foi trazida por um personagem que, mesmo conterrâneo, trazia em si vários traços de estrangeirismo em sua identidade, e por isso mesmo conseguiu renovar este contato, alimentando-o a partir de outras fontes.

O tambor e a música materializam então esta nova Babel que, para além de segregar, consegue novamente reunir, dando chance a todos os participantes de se manifestar, promovendo trocas, descobertas e entendimentos capazes de reconstruir, bastando para isso um pouco mais de abertura. Um novo abrigo para a multiplicidade, a torre não abandonada.

Babel prise deux (título alternativo : *Nous avons tous découvert l'Amérique*)

A obra literária de Francine Noël traz uma nova esfera de reflexão, estabelecendo um ponto espacial mais específico para materializar Babel do que a Guadalupe de Ernest Pépin em *Tambour-Babel*; menos simbólica e mais factual, a cidade-natal da autora, Montreal, revela-se em seus textos como a própria torre, sob diversos recortes e olhares segundo a posição dos narradores, como se a própria torre fosse vista de dentro, ou vislumbrada pela abertura de uma janela ou porta.

A cidade descortinada pela protagonista Fatima é uma reunião dos mais variados grupos de distintas origens étnicas, agrupamentos linguísticos, culturas ou religiões. As notícias televisivas ou transmitidas por rádio que esta acompanha compulsivamente, suas andanças insones pela madrugada urbana, seu ambiente de trabalho e sua profissão de fonoaudióloga, sua vizinhança habitada especialmente por indivíduos de etnia judaica *hassidim*: quase todas as situações de sua vida colocam-na diante do “outro”, este ser exótico, às vezes incompreensível, que desperta nela uma série de intensos sentimentos, sempre registrados em seu diário — diário este que compõe a própria obra de Francine

Noël; esta série de registros datados, que mais tarde serão alternados com os registros de outra voz narrativa, o misterioso *affair* e futuro vizinho de Fatima.

Esses sentimentos podem se manifestar como simpatia, compaixão diante de grupos minoritários ou vítimas de algum tipo de violência ou catástrofe. Também podem ser sinal de uma generosidade em relação aos imigrantes que procuram em Montreal um novo lar, não de todo separada de certa petulância, como a postura de anfitriã que nem sempre recebe o reconhecimento devido destes recém-chegados ao “seu país”. Sua posição é um tanto evasiva, e a “legitimidade” de seu próprio pertencimento àquele local (Montreal, o Quebec, o Canadá francófono) é reafirmada com uma boa insistência.

Difícil ignorar que seus sentimentos mais compassivos e abertos sempre se voltam para minorias linguísticas e culturais em relação à sua posição de branca, ocidental, francófona. Este jogo de poder fica mais claro quando Fatima se vê confrontada pela única posição capaz de, efetivamente, desestruturar a sua: a anglofonia, já majoritária no país, aumentada pela influência estadunidense, seu único país vizinho. A anglofonia invade cada vez mais o Canadá francófono, impregnando os jargões profissionais, a fala dos jovens, além de ser com frequência a língua trazida pelos mesmos estrangeiros exóticos e interessantes. Esse conflito identitário/linguístico da personagem perpassa inúmeras outras obras de autores quebequenses, sendo temática recorrente da literatura francófona nas últimas décadas, sobretudo quebequense.

Um dos desafios que enfrenta é o tratamento de sua paciente Linda, que dominava perfeitamente o francês e o inglês, até sofrer um acidente de carro que lhe causou um AVC com sequelas. As primeiras sessões deram-se em língua francesa, até que o inglês fosse solicitado pela paciente, e Fatima acaba por ceder. Isto também revela que a protagonista tem domínio suficiente deste idioma para dar continuidade ao tratamento, o que pode indicar que o contato com a língua inglesa é tanto mais sofrível por ser um caminho de “mão única”: canadenses francófonos com frequência se valem do inglês (e precisam fazê-lo), mas os anglófonos nunca correspondem aprendendo francês, nem mesmo em cidades francófonas.

Linda é ainda uma figura interessante por ter sofrido seu acidente no momento em que se dirigia a seu curso de italiano (ainda uma terceira língua); buscando ampliar suas

vias de comunicação e satisfazer sua curiosidade pelos falares alheios, a personagem acaba silenciada em todas as línguas. Fácil comparar este evento ao próprio mito de Babel, uma “segunda punição” à arrogância de tentar atingir a compreensão do outro ultrapassando a barreira imposta pela diversidade das línguas. Também simbólico é o fato de que era necessário “atravessar uma ponte” para chegar ao local onde tinha suas aulas.

Neste eixo, encontra-se o tema da tradução, ecoando na personagem Amélia, tradutora de profissão, em constante luta entre as línguas, as identidades e os lugares atrelados a estes valores. Moradora de Montreal, sua nacionalidade francesa e um sutil sotaque a diferem dos demais. Mesmo no país onde nascera, porém, não encontra pouso: sua família é de origem espanhola, e seu registro coloquial é todo entrelaçado por exclamações e vocabulário hispânico, algo que muito encanta sua amiga, Fatima. Mesmo que sua migração tenha sido voluntária e tenha constituído família em Montreal, Amélia é perseguida por um sentimento de não-pertencimento, que a conduziu a uma viagem de retorno à Europa em busca de suas raízes. O resultado, porém, é que este trajeto apenas lhe mostrou que o Quebec, tendo sido sua escolha e sendo uma província tão adequada para receber os errantes, poderia ser aquele que lhe pertencesse. Babel habitando a personagem, a personagem habitando Babel.

Considerações finais

A arte, em seu papel de refletir as realidades sociais e ajudar, em processo inverso, a defini-las, proporciona a oportunidade de visualizar a experiência do outro, aproximando-nos dele, servindo como possibilidade de abertura e contato através da sensibilidade. As obras literárias estudadas trazem uma questão profunda, atestada por sua ubiquidade nas temáticas e na própria forma de escrever das produções não-europeias em língua francesa. É a questão da formação de um conceito de si, frente ao outro, que passa pela língua e pelo local, agindo como balizas, referenciais de pertencimento e não-pertencimento.

Estes referenciais não são dados imediatamente, mas interpretados de maneiras diferentes, em momentos diferentes, por indivíduos diferentes. Desta forma, esta

formação de identidade é sempre múltipla e inacabada, de forma ainda mais marcante em culturas como as dos países pós-coloniais, cujas origens diversas dificultam a formação de conceitos históricos sólidos, e no Quebec, onde a renovação constante gerada pelo fluxo de imigrantes é ainda um fator extra de enorme peso. Babel ressurge, atrelada ao trabalho mais amplo das representações imaginárias pessoais singulares e coletivas.

A nova Babel pode ser construída de outra maneira, com outro objetivo, abrigando não um, mas novos povos plurais, falantes de uma miríade de expressões, procurando diálogos e interações que nem sempre atingem o entendimento completo, mas nem por isso menos ricas, quando valorizadas e respeitadas. Cada vez mais povoada por indivíduos que habitam espaços “entre” — entre lugares, entre línguas, entre diferentes heranças, entre referências incompatíveis —, trazendo-os até mesmo dentro de si, surge um novo mito, fundindo caminho e destino, habitantes e habitação, falantes e línguas.

Se a compreensão (seria mais adequado dizer “descobrimto”, ou talvez “construção”?) de si é tão complexa e árdua quanto a do outro, estas podem ser postas em paralelo, e apreendidas como processos, mais do que como possibilidades de conclusão. A mesma visão pode se estender aos grupos humanos, de qualquer grandeza, de uma família a toda uma nação. A impermanência pode ser estabilizada como uma característica, e tornada uma constante, o que pode satisfazer classificações ou generalizações cômodas para a identificação.

Mesmo inacabada, Babel é *grande* o suficiente para abrigar. A palavra é o tijolo que pode vir a construir muros de separação ou de abrigo; pontes que, ao mesmo tempo em que unem, reafirmam a distância entre dois pontos. Mas todas essas palavras encontram um lugar (inconstante, móvel, portátil) nesta obra conjunta que é o mito de si e do outro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMATI-MEHLER, Jacqueline; ARGENTIERI, Simona; CANESTRI, Jorge. **A Babel do Inconsciente: língua materna e línguas estrangeiras na dimensão psicanalítica**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2005

BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007

_____. **Modernidade líquida**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001

BERND, Zilá. **Por uma estética dos vestígios memoriais — Releitura da literatura contemporânea das Américas a partir dos rastros**. Belo Horizonte: Fino traço, 2013

CASTRO GÓMEZ, Santiago. Ciências sociais, violência epistêmica e o problema da “invenção do outro”. In LANDER, Edgardo (comp.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, p.87-95, 2005

FANON, Frantz. **Peau noire, masques blancs**. Paris: Seuil, 1952

FIGUEIREDO, Eurídice; PORTO, Maria Bernadette (org.). **Figurações da Alteridade**. Niterói: EdUFF. 2007

HUSTON, Nancy. **L'espèce fabulatrice**. Arles: Éditions Actes Sud, 2008

KHORDOC, Catherine. **Tours et détours : Le mythe de Babel dans la littérature contemporaine**. Ottawa : Les presses de l'Université d'Ottawa, 2012

KRISTEVA, Julia. “En deuil d'une langue ?” In : CZECHOWSKI, Nicole ; DANZIGER, Claudie. **Deuils. Vivre, c'est perdre**. Paris : Éditions Autrement, 1992

KWATERKO, Jozéf. Ficções identitárias no Quebec: o ponto de vista da crítica, in **Interfaces Brasil/Canadá**, V 1, N 2. Porto Alegre: ABECAN – Associação Brasileira de Estudos Canadenses, 2002

NEPVEU, Pierre. “Qu'est-ce que la transculture ?” in **Paragraphes 2 – autrement, le Québec – Conférences 1988-1989**. Montreal: Département d'études françaises, Universidade de Montreal, 1989

NOËL, Francine. **Nous avons tous découvert l'Amérique**. Montréal : LÉMEAC / ACTES SUD, 1992

PATERSON, Janet M. Identité et altérité: littératures migrantes ou transnationales ? in **Interfaces Brasil/Canadá**, N 9. Rio Grande: ABECAN – Associação Brasileira de Estudos Canadenses, 2008.

PÉPIN, Ernest. **Tambour-Babel**. Paris: Gallimard, 2004

PORTO, Maria Bernadette. (org.) **Identidades em Trânsito**. Niterói: EdUFF. 2004

_____. “Babel revisitada nas Américas” in **Interfaces Brasil/Canadá**, Revista da ABECAN. Porto Alegre, V. 1, N. 1, p.129-153, 2001

ROBIN, Regine. **Le Golem de l’écriture: de l’autofiction au cybersoi**. Montreal: XYZ Éditeur, 1997

SAUVAIRE, Marion. De l’exil à l’errance, la diversité des sujets migrants, in **Amerika 5**. Rennes: LIRA — Université de Rennes 2, 2011. Disponível em: <http://amerika.revues.org/2511>. Acesso em: 16 de out. 2022

SIMON, Sherry. **Le trafic des langues – Traduction et culture dans la littérature québécoise**. Montreal: Les Éditions du Boréal, 1994

SOUSA, Renato Venâncio Henriques. “*DOUBLE BIND E ESCRITA* : a poética da tradução em textos da literatura do Quebec” in **Revista Italiano UERJ**. Rio de Janeiro: V.4, N. 4, p. 22-48, 2013

SOUZA, Álvaro José de. **Geografia linguística — dominação e liberdade**. São Paulo: Editora Contexto, 1991

SOBRE O AUTOR:

Possui graduação em Letras Português-Francês pela Universidade Federal Fluminense, tendo realizado quatro pesquisas de Iniciação Científica com bolsas financiadas pela FAPERJ através do CNPq; foi também instrutor bolsista junto ao Programa de Universalização em Línguas Estrangeiras – PULE e no Programa de Línguas Estrangeiras Modernas – PROLEM, e tradutor voluntário no Laboratório de Estudos da Tradução, LABESTRAD/UFF. Mestrado em Literaturas Francófonas pela Universidade Federal Fluminense com bolsa CAPES. Autor do livro *O Voajante*. Atua como professor de francês, inglês, espanhol, literatura, redação, escrita criativa, revisor textual e pesquisador.